

Os braços

Como viver? Não há outra pergunta séria.

Um velho com o braço direito partido
folheia o jornal com a mão esquerda.

Penso: assim seria mais fácil.

O corpo a decidir por nós.

Olho para mim: os dois braços intactos.

Que fazer?

A natureza

As raparigas falam, baixo, sobre a importância dos homens;
São duas, no café, frente a frente.
Aguardam calmas, quase neutras, o desejado alvoroço.
Como são diferentes, em tudo, dos machos.
Na espera os homens tornam-se atletas, deitam óleo nos músculos;
não se envergonham do poder que obrigam a surgir à superfície.
Sem pressa nem exhibições, as raparigas esperam.
O primeiro homem delas já veio, certamente; já foi.
Agora são cordiais face a cada novidade.
Não são audazes em demasia; não mostram a ansiedade
(talvez exista, não sei).
O corpo sereno, uma árvore;
a natureza a esperar, delicada,
que as estações decidam o que fazer às folhas.

O rapaz

O Rapaz folheia o jornal; procura emprego.
É longo o cabelo; como o tempo que tem à frente.
Com os dedos, chama, repentino, um homem
acabado de chegar a outra mesa.
Afinal não procura emprego; o Desejo encontrou-o,
desocupado.
Não vieram do coração os dedos que se mexeram.
Vieram das ancas.
O Rapaz prossegue a folhear o jornal,
mas os olhos são agora a parte do corpo
que menos importa.

As duas mulheres

Falam, mas pouco. Pensam em tudo menos nas
palavras: ocupam parte da tarde não deixando cair a outra.
Nada de entusiasmos: cada uma suporta-se suportando.
Nenhum gozo; passaram já a idade dos risos por nada,
agora, frente a frente, têm só o vazio,
e uma, mais medrosa, o tabaco.
Pose de quem aguarda com a vitória garantida, mas não.
Dirigido para o céu, o cigarro, e basta.
Chegará, porventura, lá acima o fumo;
os afectos, permanecem sólidos: terrestres.
Queriam o dia diferente, isso é claro,
não têm coragem, no entanto, para — separadas uma da outra —
exibirem o instinto predador ou a fragilidade; a procura.
Decidem interromper o que nem sequer começou;
a mais tensa prepara o corpo, levanta-se;
a outra segue-a.
Saem as duas, mas não lado a lado.
Uma e outra tapam tanto o coração
que nem sabem ser tristes;
e só dos corajosos é a tristeza, dos que olham para cima.

As duas velhas

São duas velhas, lado a lado, no café.

Não se olham: certezas em cada uma.

A da direita: dedos no ar ao ritmo das queixas.

O ar, dócil, percebe estas velhas: em poucos anos
serão suas companheiras.

Chama-lhes irmãs pequenas, ingénuas.

As velhas prosseguem vivas e a falar de dinheiro.

Deus é interrompido pelo preço do arroz, nas conversas.

Descrevem a doença, a fraqueza e, logo a seguir, acusam
de impiedade quem ainda não é tão doente quanto elas.

Alguém as enganou.

Provavelmente sacrificaram a vida pelos filhos;
esperaram pelo futuro.

Agora ele chegou e a única novidade que traz é o cansaço;

a dificuldade de movimentos,

a maneira como facilmente se esquecem do que ainda ontem
consideravam imprescindível.

Não vão morrer, hoje, já, porque não trouxeram o coração.

Voltarão, mais tarde, a casa e às orações,

depois de desejarem intimamente que os filhos se tornem ricos
e que a amiga morra primeiro.